

Trilho interpretativo da Serra Amarela



Serra
Amarela
Trilho

município ponte da barca

Foral Terra da Nóbrega ANOS 1513-2013

Terras de Bouro

500 ANOS FORAL TERREIRO DE BOURO

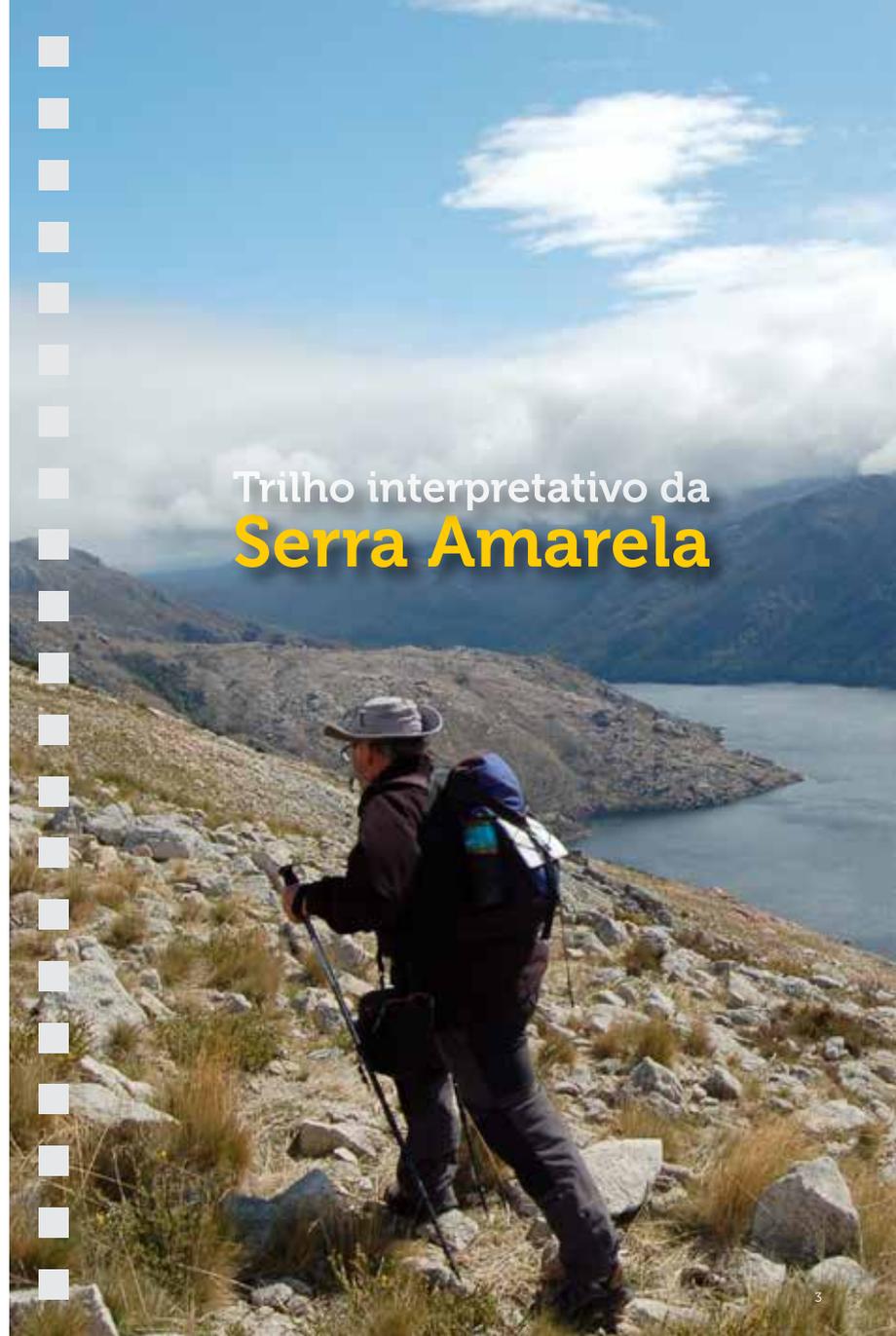
ON.2 O NOVO NORTE PROGRAMA OPERACIONAL REGIONAL DO NORTE

QUADRO DE REFERÊNCIA ESTRATÉGICO NACIONAL 2014-2020

UNIÃO EUROPEIA Fundo Europeu de Desenvolvimento Regional



Trilho interpretativo da Serra Amarela



Trilho interpretativo da

Serra

Amarela

“Um dia pela Serra Amarela, a percorrer vezeiras, a visitar fojos de lobos e a quebrar a cabeça no enigma de quinze ou vinte casarotas perdidas numa chapada”

Miguel Torga, numa visita à Serra Amarela, em 25 de Julho de 1945

A Serra Amarela, com 1361 metros de altitude máxima, é uma das serras que fazem parte do Parque Nacional da Peneda-Gerês (PNPG). É constituída maioritariamente por granitos embora também exista uma faixa estreita com xistos e metagrauvaques que parte do cume da Louriça para Norte. O clima é fresco no Verão e os invernos são rigorosos na Serra Amarela. A precipitação é muito abundante, quando comparada com o resto do território nacional.

A vegetação que se pode encontrar na Serra Amarela é condicionada pelo clima e pela geologia, mas principalmente pela ocupação humana. Desta forma, a maior parte da Serra está coberta por matos secos dominados por urzes e tojos e matagais dominados por giestas. Esta vegetação apenas se mantém pelo uso do fogo que impede a expansão dos carvalhais, que se encontram muito fragmentados, havendo somente duas manchas relevantes que se localizam na mata do Cabril e na mata de Palheiros, ambas em Zona de Proteção Total condicionada. Junto ao pico da Louriça encontram-se das maiores manchas de azevinho (*Ilex aquifolium*) de Portugal, com exemplares de grandes dimensões.

Ao nível da fauna podemos referir que uma grande parte das 235 espécies de Vertebrados do PNPG pode ser observada na Serra Amarela. Ao nível

dos mamíferos pode-se destacar a cabra-montês (*Capra pyrenaica*), o corço (*Capreolus capreolus*) e o seu principal predador, o lobo (*Canis lupus*), espécie protegida e considerada em perigo em Portugal. Ao nível das aves podem-se observar muitas espécies, apesar de algumas das mais raras estarem ausentes desta zona. Ao nível da herpetofauna, pode-se destacar a víbora-cornuda (*Vipera latastei*) e a salamandra-lusitânica (*Chioglossa lusitânica*), consideradas como estando vulneráveis em Portugal.

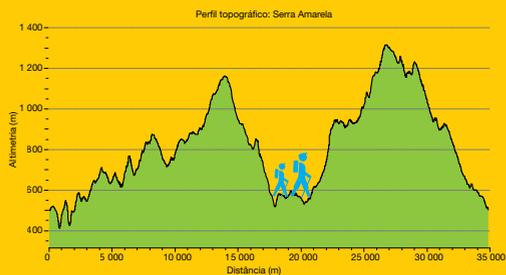
Este é o cenário biofísico de uma ocupação humana antiga e continuada, que teve o seu início, conhecido à data, no Neolítico. Nestes relevos agrestes o Homem aperfeiçoou técnicas agrícolas e silvopastoris que lhe permitiriam a exploração dos recursos naturais, de forma lenta mas racional, garantindo a sua sobrevivência num equilíbrio entre atividade antrópica e ambiente natural. Vestígios como a Necrópole Megalítica da Serra Amarela e o Santuário Rupestre da Bouça do Colado; como os Povoados Fortificados Proto-históricos da Ermida e São Miguel de Entre Ambos-os-Rios; vestígios da época da Romanização como os povoados do Cabeço do Leijó e da Torre Grande; vestígios medievais como o Castelo de Lindoso e várias brandas e outros povoados de raiz medieval e, vestígios da intensificação da agricultura com a introdução do milho maíz a partir do século XVIII (espigueiros e eiras, moinhos, brandas, abrigos e currais, levadas, entre outros) povoam a Serra Amarela e transportam-nos para um mundo que não conhecemos mas que conseguimos imaginar. Conseguimos admirar, através deste vasto património cultural, a coragem das comunidades para se estabelecerem e sobreviverem neste cenário desde o Neolítico até à atualidade.



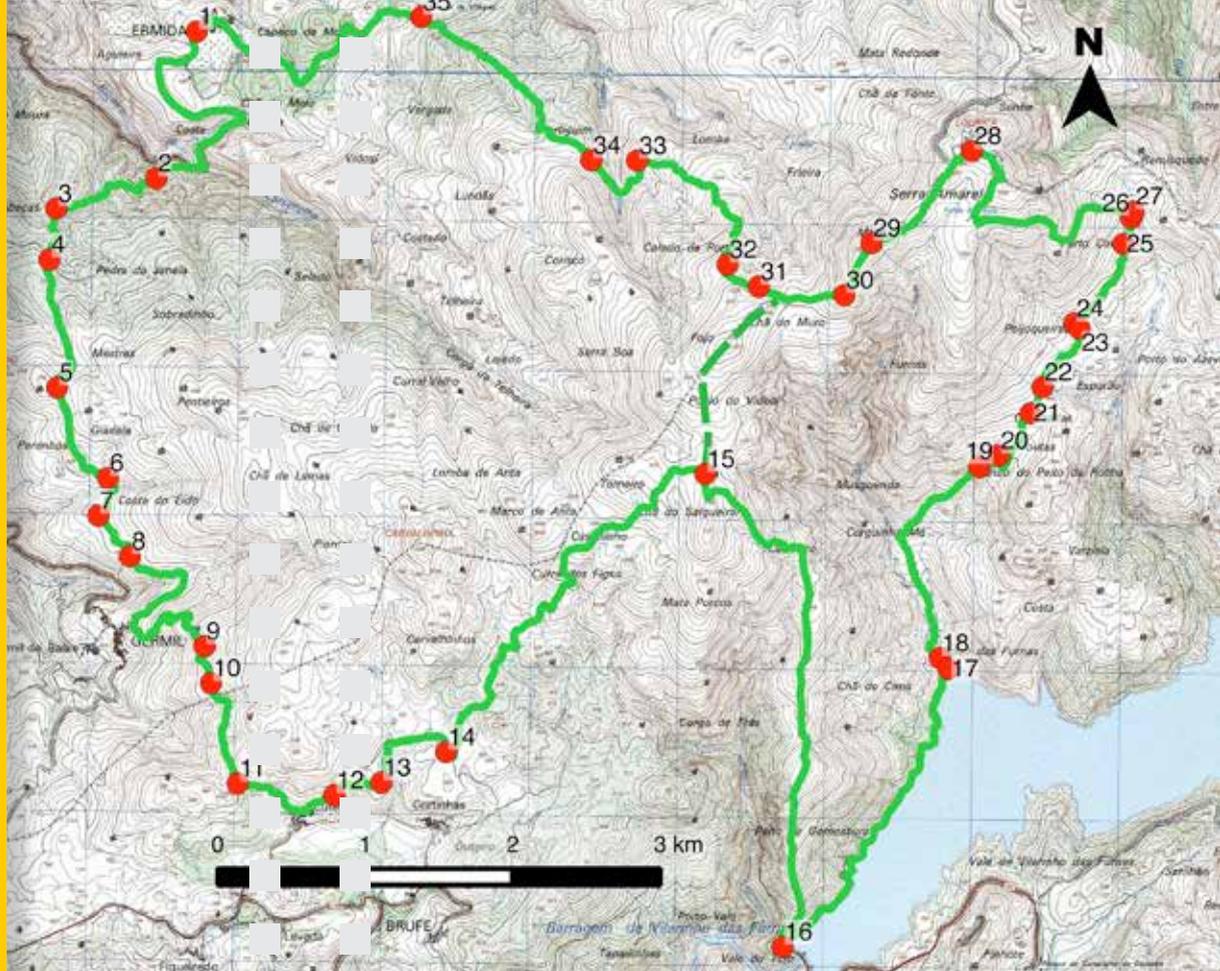
Serra Amarela Trilho

Não se esqueça que está numa área protegida, que é a única em Portugal com o estatuto de Parque Nacional. Respeite as regras de conduta e ajude a preservar a paisagem e o património do Parque Nacional da Peneda-Gerês.

1. Respeite a sinalização existente. Não saia do percurso definido.
2. Não colha nem danifique a flora.
3. Deixe a natureza intacta. Não recolha plantas, animais ou rochas.
4. A fotografia é uma excelente recordação.
5. Evite qualquer comportamento que possa perturbar o bem-estar da fauna.
6. Respeite os usos, costumes e tradições da população local.
7. Não faça fogo.
8. Cuide do seu conforto. Utilize vestuário e calçado adequado.
9. Evite andar sozinho na montanha.
10. Tenha especial cuidado nos dias de nevoeiro e neve.



www.adere-pg.pt/serraamarela/



FICHA TÉCNICA DO PERCURSO

Nome do percurso pedestre: Trilho interpretativo da Serra Amarela

Temática do trilho: natural-histórico-cultural

Entidade promotora: Município de Ponte da Barca e Município de Terras de Bouro

Extensão: 34 916 metros

Grau de dificuldade: Elevado

Tempo de duração: 24 horas

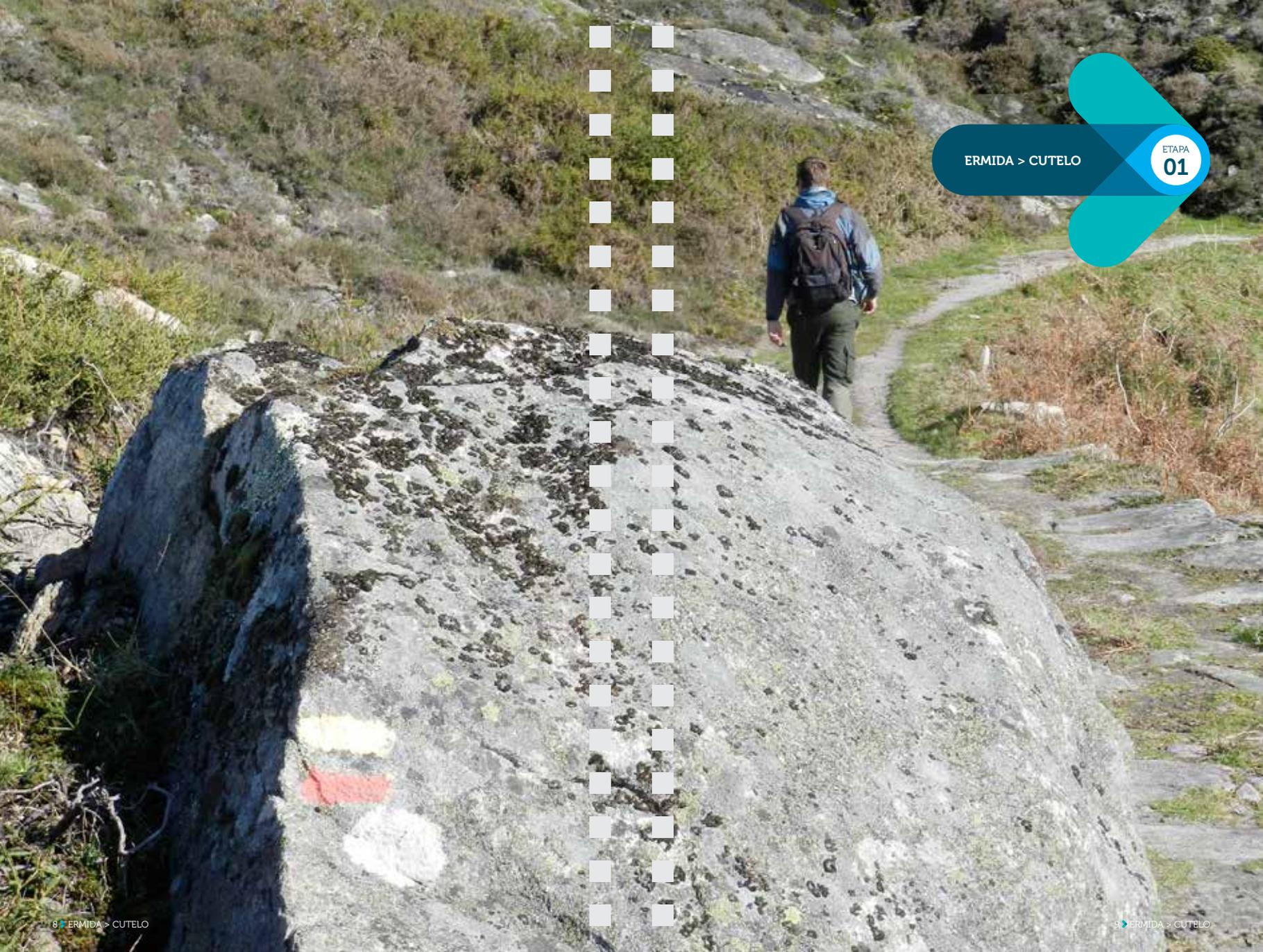
Início e fim: Aglomerado populacional de Ermida (município de Ponte da Barca)

(41°49'11.69"N/8°15'31.21"W)

Etapas:

- etapa 1 Ermida – Cutelo: do ponto 1 ao ponto 11
- etapa 2 Cutelo – Vilarinho: do ponto 12 ao ponto 16
- etapa 3 Vilarinho – Louriça: do ponto 16 ao ponto 28
- etapa 4 Louriça – Ermida: do ponto 28 ao ponto 35

NOTA: trilho integrado na Rede Municipal (Terras de Bouro) de trilhos pedestres “Na Senda de Miguel Torga”



ERMIDA > CUTELO

ETAPA
01

ETAPA
01

ERMIDA > CUTELO

Entidade promotora: Município de Ponte da Barca e Município de Terras de Bouro

Extensão: 9.294 metros

Grau de dificuldade: Médio

Tempo de duração: 6 horas

Início: Aglomerado populacional de Ermida (município de Ponte da Barca)
(41°49'11.69"N/8°15'31.21"W)

Fim: Aglomerado populacional de Cutelo (município de Terras de Bouro)
(41°46'21.34"N/ 8°14'59.00"W)

Nota: O percurso pode ser realizado no sentido inverso (Cutelo > Ermida)





1 Ermida

A Ermida, freguesia do município de Ponte da Barca, é uma aldeia típica de montanha, rodeada por um escadório de campos em socalcos e com uma envoltória geral de matos e alguns bosques. A zona agrícola estava sempre situada perto da aldeia, para não obrigar a grandes deslocações diárias e em zonas com pouco declive e de preferência côncavas para ajudar a uma melhor retenção da água e solo. Quando o declive era superior ao ideal faziam-se socalcos como os que se observam, onde predominam os lameiros, milharais e batatais, compartimentados por uma infinidade de muros. Neste aglomerado populacional, profundamente isolado durante séculos, existe um Núcleo Museológico onde estão registadas aquelas que serão as principais características desta comunidade de montanha. Estão expostos, também, dois marcantes elementos do vasto património cultural desta localidade: a Estátua-menir da Ermida e a Pedra dos Namorados. A primeira é um magnífico exemplar, datável do 2.º milénio a. C., a mais antiga escultura antropomórfica conhecida no território do Parque Nacional. A segunda é uma lápide da época da romanização, encontrada nos arredores da Branda de Bilhares e na qual o povo da aldeia pretendia ver figurados “um par de namorados”.



2 Vale de Carcerelha e urzais tojais e giestais

De um ponto mais alto, pode-se apreciar na plenitude o vale de Carcerelha, onde o grande desnível (mais de 250 m) entre as encostas e o ribeiro causa um grande impacto. Também se pode observar que na margem direita dominam os giestais enquanto na margem esquerda dominam os urzais-tojais (habitat protegido). No local onde nos encontramos os urzais-tojais são dominados pelo tojo-molar (*Ulex minor*), várias espécies de urzes (*Erica sp. pl.*) e pelo sargasso (*Cistus psilosepalus*). Estes matos resultam geralmente da degradação dos carvalhais pelo fogo. Ainda assim, possuem uma biodiversidade significativa. As seguintes espécies de animais são uma pequena amostra das que aqui poderão ser observadas: javali (*Sus scrofa*), raposa (*Vulpes vulpes*), felosa-do-mato (*Sylvia undata*), cartaxo-comum (*Saxicola torquata*), tartaranhão-caçador (*Circus pygargus*) e víbora-cornuda (*Vipera latastei*).



3 Campos do Vidoal

Trata-se de uma antiga área agricultada pelos habitantes da aldeia de Lourido, na freguesia de São Miguel de Entre Ambos-os-Rios, município de Ponte da Barca. Nesta área, hoje abandonada, onde se produzia milho, são bem visíveis os antigos espaços trabalhados, rodeados por muros em mamposteria. Em alguns desses espaços, os mais inclinados, ainda se identificam os antigos socalcos, fundamentais para a produção nos terrenos mais declivosos.

4 Urzais tojais

Os urzais-tojais, deste ponto, além do tojo-molar (*Ulex minor*) e sargasso (*Cistus psilosepalus*) apresentam, em relativa abundância, o ranha-lobos (*Genista triacanthos*). Esta espécie costuma ser abundante sobre xistos, mas não sobre granitos como neste local.

Em vários dos arbustos podem-se observar casulos de vespas.



6 Silha e calçada de Germil

Nas proximidades de Germil, a Norte, identifica-se um elemento do vasto património de valor etnográfico desta aldeia, uma Silha. É uma estrutura em granito, sensivelmente circular, que servia o propósito de proteger as colmeias. Referidas para esta região desde a Idade Média, a existência destas estruturas mostra o quanto a apicultura era importante em tempos idos. Este elemento pode ser observado enquanto se experiencia o calcorrear de um magnífico caminho empedrado, rasgado a meia encosta, um acesso da aldeia para a serra.



5 Portela e vista para o Fojo de Germil

Este ponto localiza-se numa portela, que significa uma depressão entre os cumes de uma montanha. Desta portela pode-se observar para norte a Serra do Soajo e para sul a aldeia de Germil (Serra Amarela). A partir deste ponto, e seguindo em direção à aldeia de Germil, identifica-se, numa encosta a sudoeste, na margem esquerda do Rio Germil, o Fojo de Germil. Trata-se, à semelhança do Fojo de Vilarinho ou do Fojo da Ermida, de uma antiga armadilha para caçar lobos. Este animal, hoje protegido, foi durante muitos séculos objeto de perseguição, motivada quer pelo medo que inculcia nas gentes ser-ranas, pela sua associação ao mundo do além, quer pelos ataques que fazia aos animais que pastavam nas serras do Norte de Portugal. Nesta zona, os muros dos fojos, de perfil em V, são construídos com blocos em granito ou aproveitam paredes naturais já existentes (afloramentos rochosos) e podem atingir centenas de metros de extensão.





7 Mamoa da Giadela

A área que corresponde à Serra Amarela teve ocupação humana, pelo menos, desde o Neolítico. São vários os vestígios arqueológicos que atestam os inícios da aventura humana nesta serra. Neste local, na freguesia de Germil, numa área aplanada a cerca de 650 metros de altitude, identifica-se o que parece ser uma pequena mamoa. É um vestígio arqueológico do mundo funerário, de um modo geral e para monumentos com estas características, do Neolítico, sendo que os mais antigos em Portugal datam de finais do VI milénio antes da nossa Era. Esta tipologia de monumentos tem inúmeras variantes arquitetónicas, construtivas, de dimensão, entre outras. Não são visíveis quaisquer esteios. Apesar das suas pequenas dimensões, é um elemento bastante visível na paisagem, cuja configuração aplanada é interrompida pelo perfil da mamoa. A partir deste monumento obtém-se uma excelente visibilidade, sobretudo para Oeste, para o vale do Rio de Germil. Neste local há referência à existência de uma necrópole, a Necrópole da Giadela, mas que terá sido destruída, com exceção deste monumento.

8 Tomilhais; Germil

Nas clareiras dos matos secos podem-se observar tomilhais galaico-portugueses (habitat). Este habitat é dominado pelo tormentelo (*Thymus caespitius*), que é uma espécie de tomilho, ou seja, é uma planta aromática. Deste ponto também se observa Germil, aldeia do município de Ponte da Barca, localizada a cerca de 600 metros de altitude média. É uma povoação típica de montanha com habitações em pedra, bastante concentradas, encaixadas onde a topografia da cabeceira do Rio de Germil o permite. A aldeia estrutura-se em volta de sinuosos caminhos empedrados que desembocam em pequenas eiras e largos. Esta aldeia de raiz Medieval, que em tempos se designou São Vicente de Germil, tem um vasto património cultural, sobretudo de valor etnográfico. Enquadrada numa magnífica composição de socalcos, fundamental para a exploração agrícola das encostas, nesta povoação predomina, tal como em toda a região do Minho, uma agricultura intensiva, de subsistência, em parcelas de pequena dimensão, geralmente muradas. Abaixo da povoação pode-se observar um carvalhal dominado pelo carvalho-alvarinho (*Quercus robur*).



9 Urzais-tojais húmidos

Neste ponto encontramos urzais-tojais higrófilos (húmidos) enquadrados nas charnecas húmidas atlânticas temperadas. É um habitat de conservação prioritária, dado ser raro na União Europeia por ter sido sujeito a frequentes drenagens. As espécies mais comuns neste habitat são a lameirinha (*Erica ciliaris*) e o tojo-molar (*Ulex minor*). Ao nível da fauna encontram-se principalmente anfíbios, nomeadamente várias espécies de tritões, salamandras e rãs.



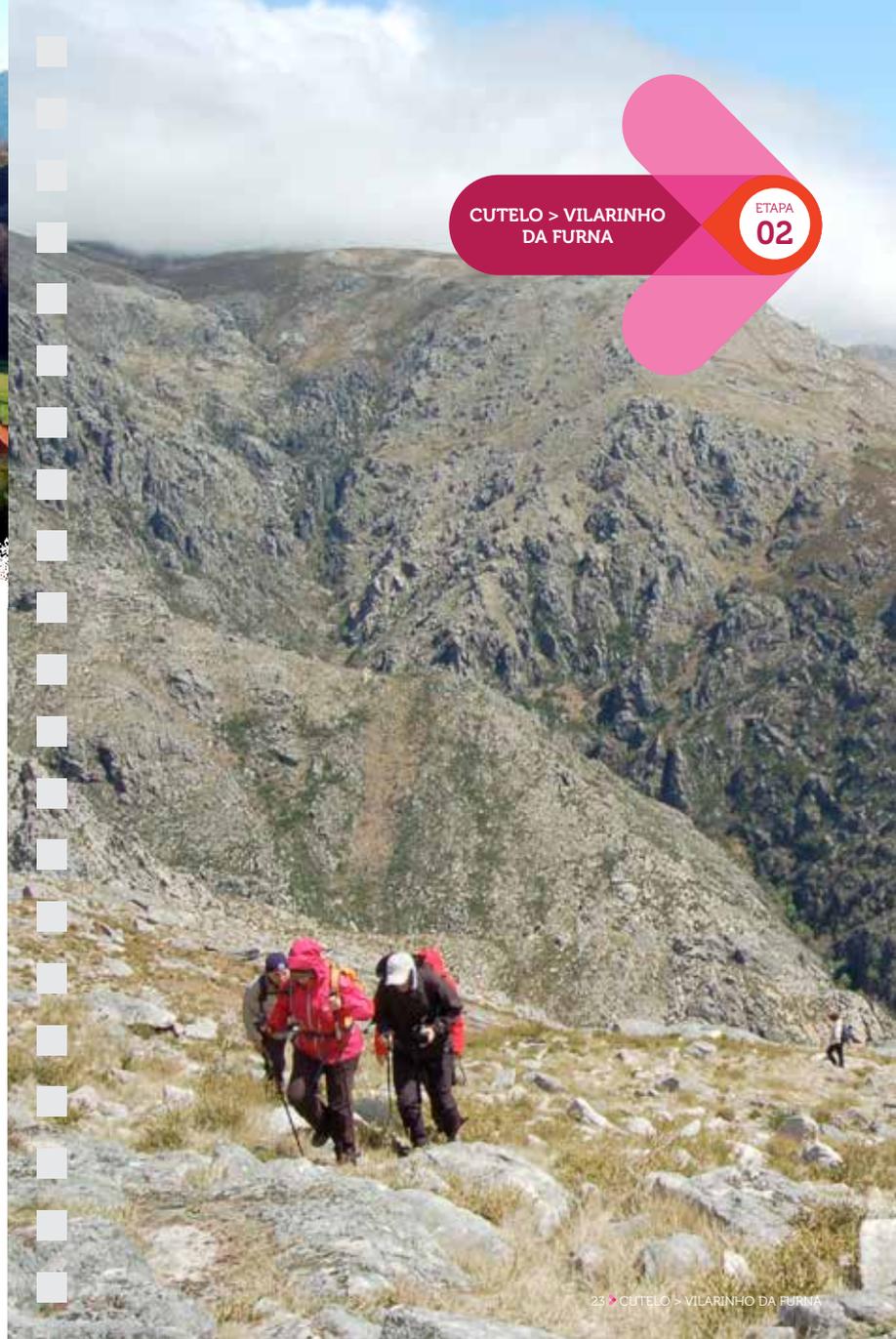
10 Germil; Granitos tarditectónicos

Entre as aldeias de Germil e Cutelo encontra-se a única mancha de granitos do Parque Nacional que se instalou na parte final da Orogenia Hercínica, há cerca de 300 milhões de anos.



11 Cutelo

Cutelo é um lugar da freguesia de Cibões, no concelho de Terras de Bouro. Este núcleo populacional está instalado num cenário de rara beleza. De arquitetura tradicional serrana, com os equipamentos comuns na Serra Amarela, onde os espigueiros, levadas e moinhos têm lugar, abre-se para uma pequena veiga de campos agrícolas, onde se pratica uma agricultura tradicional em regime de policultura. Em tempos, este aglomerado integrou o concelho de Vila Garcia extinto em 1835.



ETAPA
02

CUTELO > VILARINHO DA FURNA

Nome do percurso pedestre: Etapa 2/ Cutelo-Vilarinho da Furna

Entidade promotora: Município de Ponte da Barca e Município de Terras de Bouro

Extensão: 8.647 metros

Grau de dificuldade: Médio a elevado

Tempo de duração: 6 horas

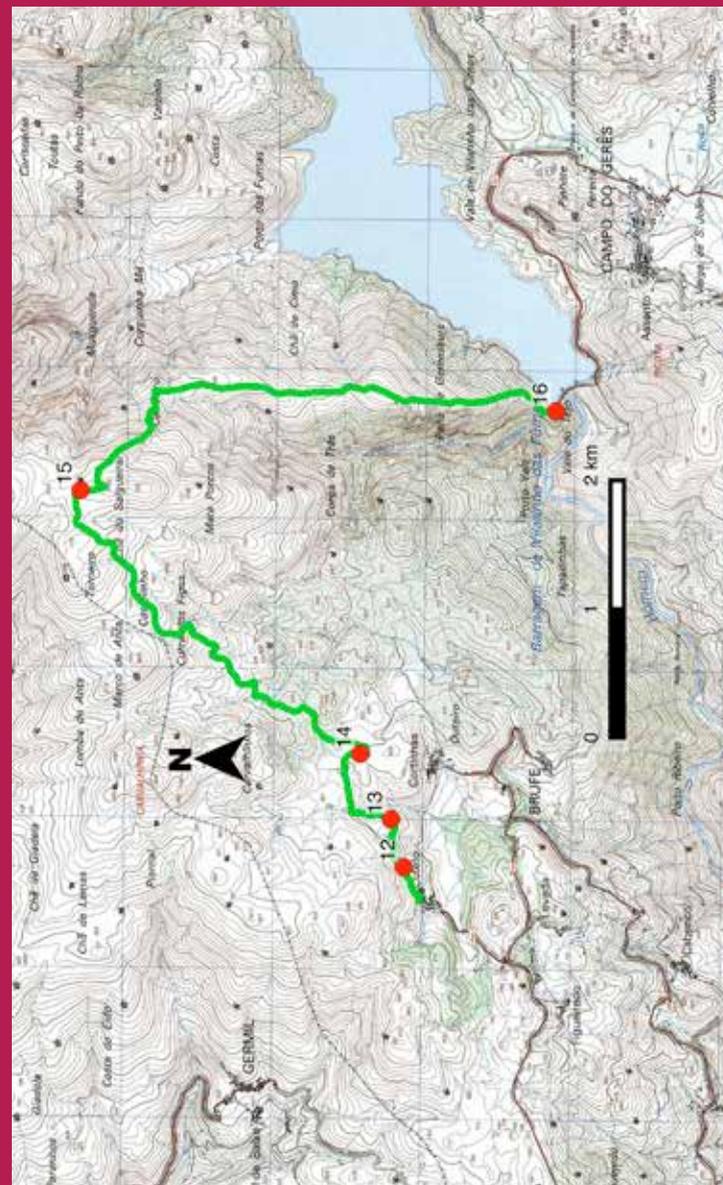
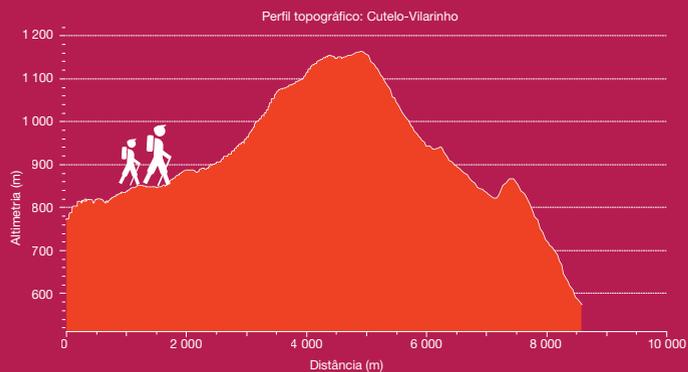
Início: Aglomerado populacional de Cutelo (município de Terras de Bouro)

(41°46'21.34"N/ 8°14'59.00"W)

Fim: Barragem de Vilarinho da Furna (município de Terras de Bouro)

(41°45'51.50"N/ 8°12'39.61"W)

Nota: O percurso pode ser realizado no sentido inverso (Barragem de Vilarinho da Furna - Cutelo)





12 Carvalhal

Neste ponto pode-se observar o carvalhal que se encontra em redor de Cutelo. É dominado pelo carvalho-alvarinho (*Quercus robur*) e conta com a presença abundante de azevinho (*Ilex aquifolium*), espécie protegida em Portugal. No carvalhal é possível observar o corço (*Capreolus capreolus*), símbolo do Parque Nacional, embora seja difícil de o ver porque é um animal muito tímido. As aves como o açor (*Accipiter gentilis*), o pica-pau-malhado-grande (*Dendrocopos major*), o chapim-preto (*Parus ater*) ou o gaio-comum (*Garrulus glandarius*) são bem mais fáceis de observar.



ETAPA

02

13 Contraste do mosaico agro-florestal de Cortinhas com uma zona de matos

Deste local pode-se observar um grande contraste entre o mosaico agro-florestal de Cortinhas e a zona de matos que se encontra a norte. O mosaico agro-florestal apresenta uma paisagem muito mais diversa do que a zona de matos pois além de campos cultivados, também há lameiros para pastagem e produção de feno, carvalhal e até pequenas manchas de matos. Estas áreas costumam ter uma grande biodiversidade pois proporcionam vários habitats diferentes que podem acolher muitas espécies. O lobo (*Canis lupus*) é um desses exemplos, apesar de não ser exclusivo dos matos. Esta espécie, está classificada como “Em Perigo” em Portugal, mas no Parque é onde se encontra uma maior densidade de alcateias. Todavia, como é uma espécie principalmente noturna ou crepuscular é muito difícil de a observar. Podemos no entanto constatar a sua presença pelos seus dejetos que se assemelham aos dos cães grandes, embora possuam pêlos.



14 Morfologia granítica; Cruciforme

Nesta plataforma, na margem esquerda do Rio da Cruz, à cota de 855 metros, existe uma gravura num afloramento. Trata-se de um cruciforme, cujos contornos se assemelham a uma cruz latina, que é o único motivo gravado. De datação desconhecida, poderá servir um propósito funcional, de divisão do espaço, talvez administrativo ou de pastoreio. Poderá ser uma forma de sacralização do lugar, ou porque este já era um espaço simbólico e foi alvo de cristianização em períodos históricos, ou porque algum evento marcante, contemporâneo da gravura, levou à sua realização.



Neste local pode-se observar para norte a morfologia granítica sintectónica que geralmente apresenta relevos mais suaves do que a morfologia granítica pós-tectónica da Serra do Gerês. Dois dos relevos mais facilmente observáveis a sul, na serra do Gerês, são o Tonel e o Cabeço da Calcedónia.

15 Casarotas

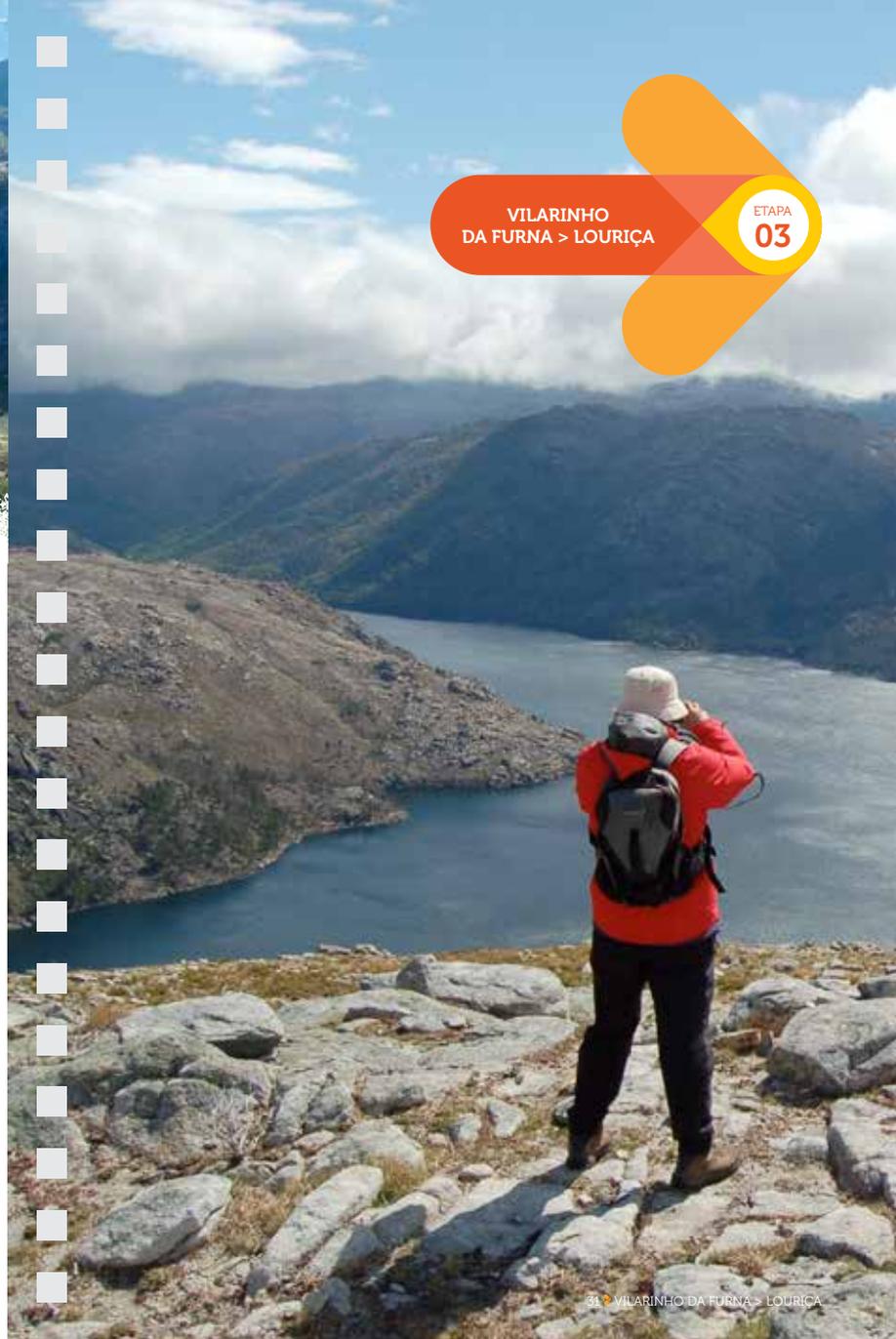
Na área da Chã do Salgueiral identificam-se diversos abrigos de montanha, construídos em granito, cuja origem e função exatas continuam ainda hoje envoltos em mistério. Poderia ser uma antiga branda da população de vilarrinho, semelhante a muitas outras dispersas pela Serra Amarela. Mas, e sobretudo pela sua localização, estas estruturas poderiam ser, como defendem autores como Rosa Fernanda Moreira da Silva, parte de um sistema defensivo desta zona de portela, que seria complementado pela existência de uma trincheira, vestígio que também se parece identificar nesta zona e que, em conjunto com outras estruturas, faria a defesa da Portela da Serra Amarela.



16 Barragem de Vilarinho

A construção da Barragem de Vilarinho iniciou-se em 1968 e prolongou-se por quatro anos. No ano de 1972 a barragem e o circuito hidráulico ganharam a sua forma definitiva. Esta barragem localiza-se no Rio Homem, um afluente da margem direita do Rio Cávado, 600 metros a montante da confluência do Rio Homem com a Ribeira de Gemesura. É do tipo abóbada assimétrica de dupla curvatura, com noventa e quatro metros de altura. O coroamento, a uma cota de 570 metros, é transitável e desenvolve-se por cerca de 400 metros de extensão. Em 1971 o muro da barragem já estava concluído e a albufeira começou a crescer, submergindo a aldeia de Vilarinho da Furna. No total foi submersa uma área de 344 ha de albufeira, numa bacia hidrográfica de 77 km², com a bacia principal do Rio Homem e as bacias secundárias do Rio Brufe, Ribeiro de Gemesura, Ribeiro do Campo do Gerês e Ribeiro de Freitas.

Muito perto deste ponto encontra-se o Centro Interpretativo de Vilarinho da Furna (localizado junto à estrada, na margem esquerda da albufeira, a poucos metros do paredão da barragem). Visite-o e conheça um pouco mais sobre a história desta aldeia submersa pelas águas da barragem.



ETAPA
03

VILARINHO DA FURNA > LOURIÇA

Entidade promotora: Município de Ponte da Barca e Município de Terras de Bouro

Extensão: 8.967 metros

Grau de dificuldade: Elevado

Tempo de duração: 6,5 horas

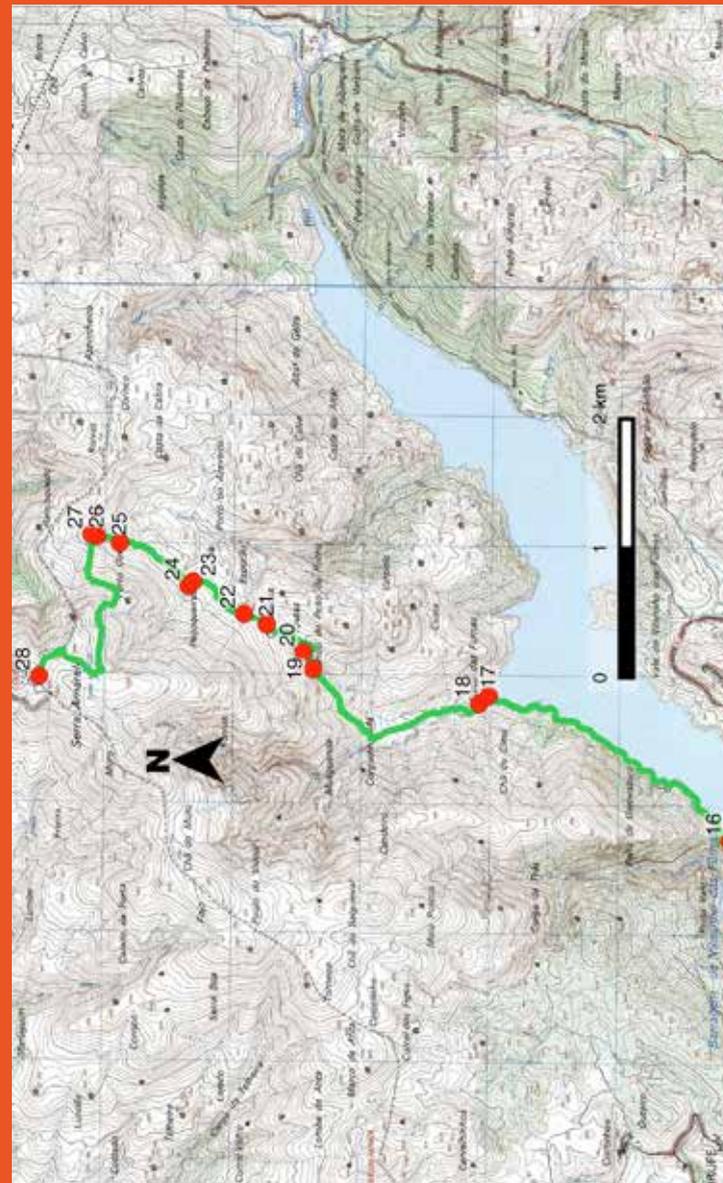
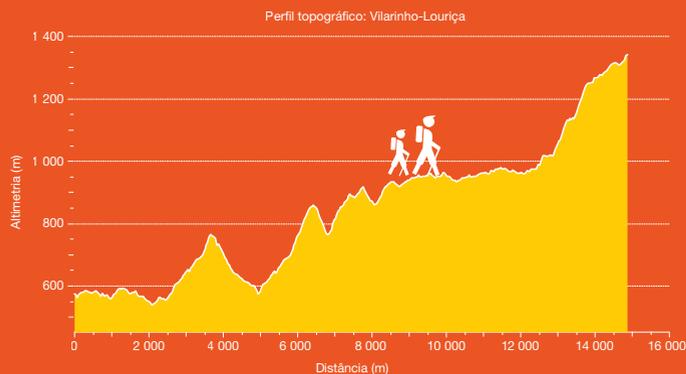
Início: Barragem de Vilarinho da Furna (município de Terras de Bouro)

(41°45'51.50"N/ 8°12'39.61"W)

Fim: Cume da Serra Amarela – Louriça (município de Ponte da Barca)

(41°48'45.74"N/ 8°11'43.53"W)

Nota: O percurso pode ser realizado no sentido inverso (Louriça - Barragem de Vilarinho da Furna), com um grau de dificuldade médio.



16 Barragem de Vilarinho

A etapa 3 tem início no ponto 16 (Barragem de Vilarinho da Furna) já descrito no último ponto da etapa 2.

17 Vilarinho da Furna

A aldeia de Vilarinho da Furna, hoje ruínas graníticas cobertas pelas águas da albufeira, pertencia à freguesia de São João do Campo, no município de Terras de Bouro. As suas origens mais remotas permanecem ainda em mistério, mas a sua forma de organização e modo de vida são aspetos bem conhecidos. O que distinguia esta aldeia de muitas outras era o forte espírito comunitário. Não obstante o cumprimento das leis do Portugal de então, tinham as suas leis internas, de extrema importância. É hoje uma aldeia “afundada”, mas não morta. O espírito de Vilarinho da Furna permanece vivo e a sua memória materializa-se no Museu Etnográfico edificado com pedras da aldeia.



18 Vidoais ripícolas e louriçais

Junto à linha de água existe um vidoal ripícola enquadrado nas florestas aluviais de *Alnus glutinosa* e *Fraxinus excelsior*, um habitat de conservação prioritária. Este vidoal é constituído por uma galeria contínua de videiros (*Betula celtiberica*) de grande porte, facto que já não é muito vulgar dadas as repetidas ações de desmatização. Na orla do vidoal existe um pequeno louriçal, enquadrado nos matagais arborescentes de *Laurus nobilis*, outro habitat de conservação prioritária. Desta forma, este local é de grande importância para a conservação da natureza, com dois habitats de conservação prioritária.

Além do videiro e loureiro, podemos ainda encontrar nestes habitats o salgueiro-preto (*Salix atrocinerea*), a hera (*Hedera helix*), a gilbardeira (*Ruscus aculeatus*) e o feto-real (*Osmunda regalis*). Os animais característicos deste habitat são, entre outros, a lontra (*Lutra lutra*), o chapim-rabilongo (*Aegithalos caudatus*), o melro-d'água (*Cinclus cinclus*), o lagarto-de-água (*Lacerta schreiberi*) e, no rio propriamente dito, a boga-comum (*Chondrostoma polylepis*) e a truta (*Salmo trutta*).

19 Silha do Fundo do Peito da Rocha

As silhas ou muros eram equipamentos rurais cuja função consistia em proteger os cortiços da ação dos animais. É um equipamento utilizado desde a Idade Média. Nestas serras existem belíssimos exemplares das chamadas silhas do urso, verdadeiras obras de arte. A Silha do Fundo do Peito da Rocha é bastante mais recente, mas com a mesma função protetora, quer da fauna selvagem, quer dos gados que pastavam nos montes.



20 Calçada de Vilarinho

Encontramo-nos num antigo caminho que ligava a aldeia de Vilarinho da Furna à zona alta da Serra Amarela. Do ponto mais elevado desta calçada à cota onde se localiza a antiga aldeia de Vilarinho (hoje submersa pela albufeira) são vencidos cerca de 400 metros. Esta calçada foi certamente uma obra de grande esforço e persistência das gentes de Vilarinho, mas facilitada pelo comunitarismo vigente na aldeia.



21 Urzais-tojais e tomilhal

Estes urzais formam o habitat Urzais ou Urzais-tojais mediterrânicos não litorais, dominado no Parque Nacional por urzes ou pelo tojo-molar (*Ulex minor*), estando enquadrado nas charnecas secas europeias. Este habitat, vulgarmente designado de matos, é beneficiado pela presença de rochas ácidas e precipitação moderada a elevada, mas sobretudo pelos fogos relativamente frequentes. Neste local concreto, as espécies mais comuns são o tojo-molar (*Ulex minor*), a torga (*Calluna vulgaris*) e a carqueja (*Pterospartum tridentatum*).

Nas pequenas clareiras de matos encontramos um outro habitat (tomilhais) dominado pelo tormentelo (*Thymus caespitius*).

Este mosaico de habitats apresenta uma diversidade faunística considerável, podendo ser observados mamíferos como o lobo (*Canis lupus*), corço (*Capreolus capreolus*) e javali (*Sus scrofa*), aves como a felosa-do-mato (*Sylvia undata*) e o cartaxo-comum (*Saxicola torquata*) e répteis como a lagartixa-do-mato (*Psammotromus algirus*) e a víbora-cornuda (*Vipera latastei*).



22 Carvalhal

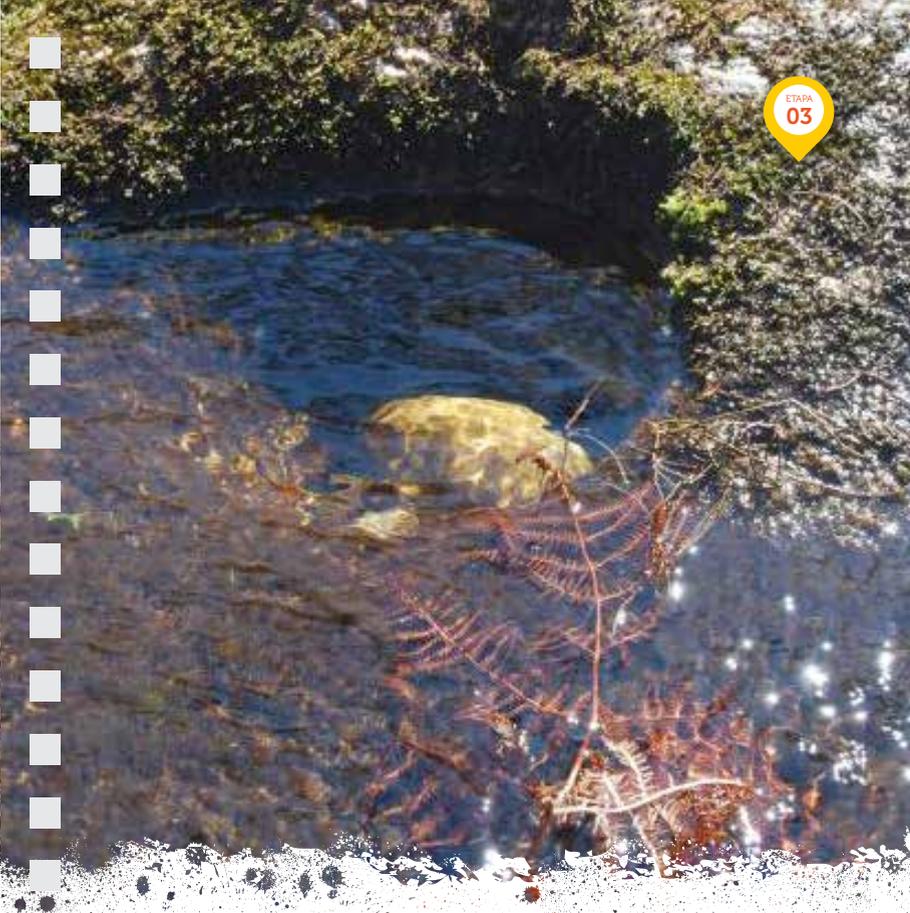
Este carvalhal, situado a 950m de altitude, é dominado pelo carvalho-negral (*Quercus pyrenaica*), mas já conta com uma presença significativa do carvalho-alvarinho (*Quercus robur*). Estes bosques mistos têm uma biodiversidade assinalável, mas, ainda assim, os bosques dominados pelo carvalho-alvarinho (a menor altitude) conseguem ter uma diversidade florística maior. Algumas das espécies presentes são o azevinho (*Ilex aquifolium*), a uva-do-monte (*Vaccinium myrtillus*), a hera (*Hedera helix*), o dente-de-cão (*Erythronium dens-canis*) e a anêmona-dos-bosques (*Anemone trifolia* subsp. *albida*).

Ao nível da fauna podemos encontrar algumas espécies que também surgem noutros habitats, como o lobo (*Canis lupus*) e corço (*Capreolus capreolus*), mas também muitas outras específicas dos carvalhais, como o açor (*Accipiter gentilis*), o pica-pau-malhado-grande (*Dendrocopos major*), o chapim-preto (*Parus ater*) ou o gaio-comum (*Garrulus glandarius*).



23 Cabana-Abrigo do Curral de Porto Covo

Por terras viradas a Vilarinho encontramos o que resta de um abrigo de pastor, no Curral de Porto Covo. Seria um edifício granítico de planta retangular, cujas pedras se encontram tombadas e escondidas pelos arbustos. Mas esta não é a única ruína deste curral. Alguns metros a Sul está uma outra ruína, possivelmente de um abrigo anterior, de planta circular.



24 Ribeira, marmitas de gigante

São visíveis no leito deste curso de água algumas cavidades peculiares designadas por marmitas de gigante. Estas formas resultam da dinâmica fluvial, devido ao efeito do atrito dos sedimentos transportados pela corrente fluvial contra o leito rochoso.



25 Granito Róseo

Na outra vertente do vale sobressai na paisagem granítica uma tonalidade avermelhada. É muito frequente observar nesta região o resultado de um fenómeno que dá pelo nome de epissienitização do granito. Este fenómeno sucedeu nas etapas finais ou posteriores à cristalização dos magmas graníticos, quando tiveram lugar processos de alteração hidrotermal (conjunto de processos químicos que afetam as rochas, induzidos por soluções aquosas quentes de várias origens – magmática, metamórfica, entre outras – e que circulam no interior da crosta terrestre) ocorridos preferencialmente ao longo de fraturas nos granitos. Estes processos conferiram-lhes uma coloração avermelhada, por vezes acompanhada de uma intensa modificação da composição original, transformando-os em epissienitos.

Outro aspeto que se vai destacar a partir deste ponto do percurso é a grande quantidade de areia grosseira. Estes sedimentos, que também podem ser designados por arena, areia granítica, granito podre ou saibro, resultam do fenómeno de arenização, provocado pela desagregação a que a rocha fica sujeita quando a água se infiltra e circula nas suas fraturas. A ação do gelo (crioclastia) poderá acelerar este processo.

26 Pequeno complexo higroturfoso

Os complexos higroturfosos correspondem, geralmente, a turfeiras com um mosaico muito diverso de vegetação higrófila e hidrófila. Neste caso, como o complexo é relativamente pequeno, não possui todos os habitats que o caracterizam. Todavia, esta pequena zona húmida apresenta um mosaico de urzais-tojais húmidos, urzais-tojais turfófilos, substratos turfosos e águas paradas.

As espécies mais comuns são a urze-dos-brejos (*Erica tetralix*), a lameirinha (*Erica ciliaris*), o tojo-molar (*Ulex minor*), os juncos (*Juncus squarrosus*), a orvalhinha (*Drosera rotundifolia*) e os esfagnos (*Sphagnum sp. pl.*). A sua fauna é caracterizada pela diversidade de anfíbios, como a salamandra-de-pintas-amarelas (*Salamandra salamandra*), o tritão-de-ventre-laranja (*Triturus boscai*) e o sapo-corredor (*Bufo calamita*).



27 Cabana-abrigo do Curral do Ramis- quedo e blocos graníticos fraturados

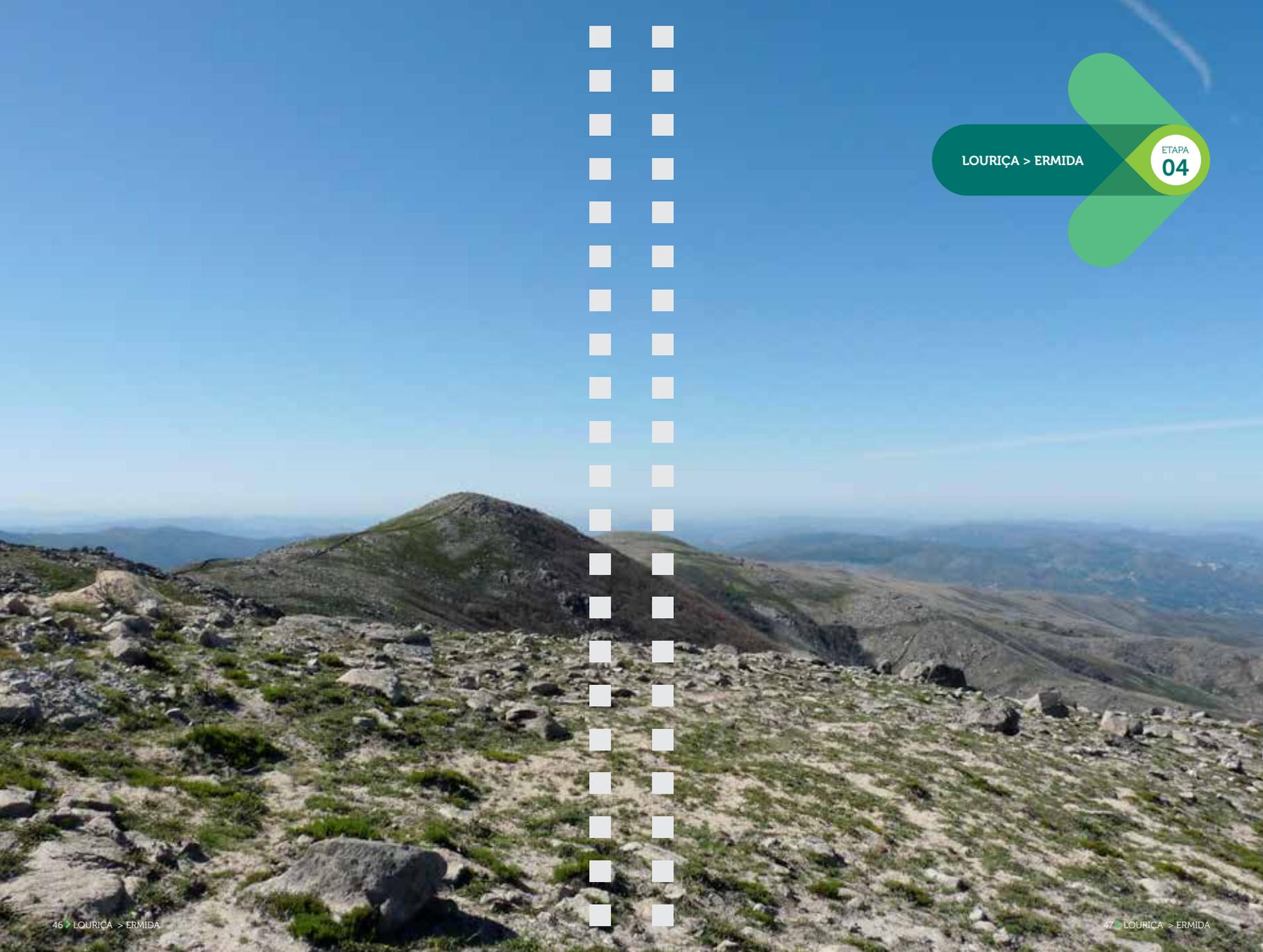
É um abrigo de pastores edificado em granito, de planta circular e cobertura em falsa cúpula. A pequena abertura para a porta está orientada a Sul. Este abrigo encontra-se em mau estado de conservação, coberto por terras e com visível ruína de parte da parede.

Deste local observamos um afloramento granítico muito marcado pela erosão, sendo evidente a sua rede de fraturação, originada pela conjugação de dois fatores: pelo alívio da pressão a que as rochas estão sujeitas no interior da terra, levando à sua fraturação quando atingem a superfície e pela atuação dos agentes erosivos (água, gelo, vento e agentes biológicos).



28 Louriça e Vale em U da parte superior do Rio Homem

A Louriça é o ponto mais alto da Serra Amarela, com 1361m de altitude. Desse ponto tem-se uma vista de 360° de toda a área, incluindo uma magnífica vista do vale glaciário da parte superior do Rio Homem que apresenta um perfil aproximado de um "U". A forma do vale, associado à presença de moeiras e depósitos subglaciários "til" indicam que deve ter havido um glaciar na zona superior do Vale do Homem e que se teria estendido até à ponte do Rio Homem, a uma altitude de 725 m.



LOURIÇA > ERMIDA

ETAPA
04

ETAPA
04

LOURIÇA > ERMIDA

Entidade promotora: Município de Ponte da Barca e Município de Terras de Bouro

Extensão: 8.001 metros

Grau de dificuldade: Médio

Tempo de duração: 5 horas

Início: Cume da Serra Amarela – Louriça (município de Ponte da Barca)

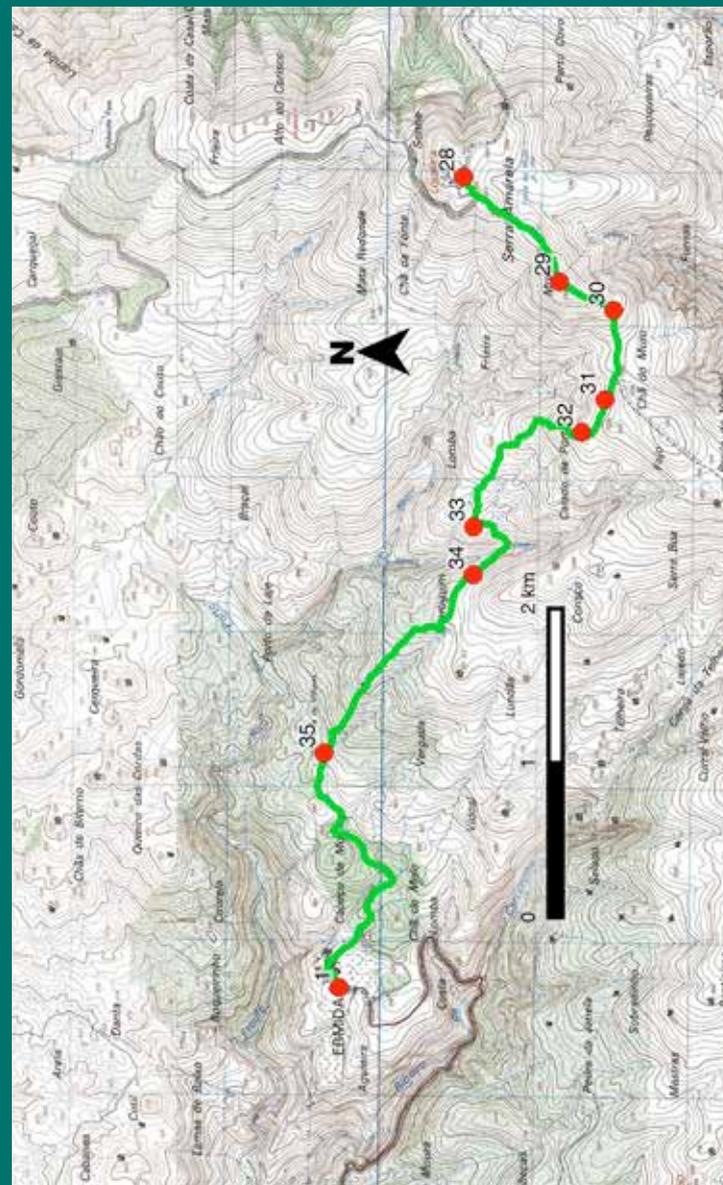
(41°48'45.74"N/ 8°11'43.53"W)

Fim: Aglomerado populacional de Ermida (município de Ponte da Barca)

(41°49'11.69"N/ 8°15'31.21"W)

Nota: O percurso pode ser realizado no sentido inverso (Ermida > Louriça), com um grau de dificuldade elevado.

Perfil topográfico: Louriça-Ermida





28 Louriça e Vale em U da parte superior do Rio Homem

A etapa 4 tem início no ponto 28 (Louriça e Vale em U da parte superior do Rio Homem) já descrito no último ponto da etapa 3.

29 Urzais-tojais e endemismos raros

Neste local pode-se observar urzais mediterrânicos não litorais, dominados pela urze-vermelha (*Erica australis*) e carqueja (*Pterospartum tridentatum*), que são típicos das zonas acima dos 900 m de altitude. Nas clareiras destes matos ou nas fendas das rochas pode-se observar dois endemismos ibéricos (espécies somente presentes na Península Ibérica), o cravinho-bravo (*Dianthus langleanus*) e a *Silene acutifolia*. Ao nível da fauna, pode-se observar a perdiz-comum (*Alectoris rufa*), o tartaranhão-caçador (*Circus pygargus*), o chasco-cinzento (*Oenanthe oenanthe*), o melro-das-rochas (*Monticola saxatilis*), a lagartixa-do-mato (*Psammotromus algirus*) e a víbora-cornuda (*Vipera latastei*).



30 Modelado granítico, Muro e Fojo do Lobo de Vilarinho

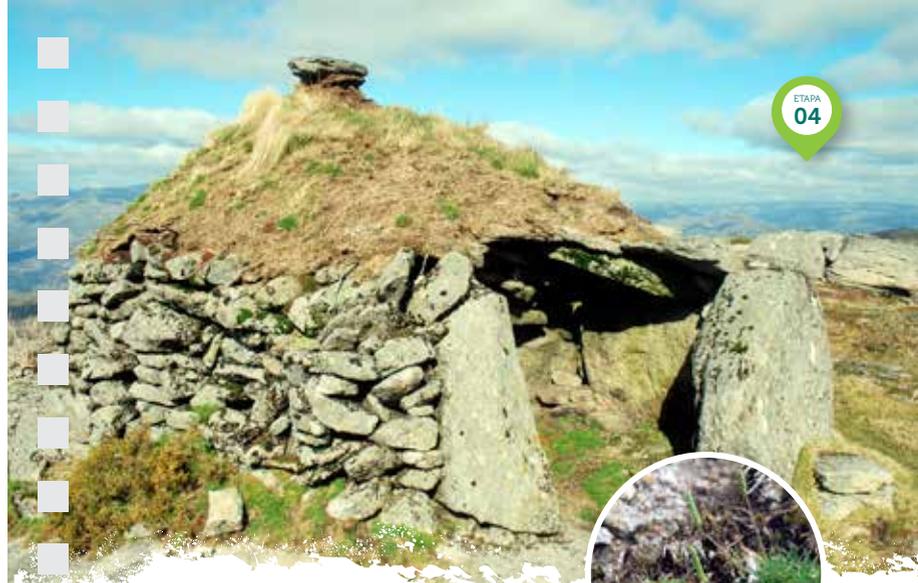
Nas rochas graníticas podemos observar várias fraturas provocadas por fenómenos de descompressão e amplificados por ação da água que através da sua congelação pode alargar fendas nas rochas. Também se observam depressões escavadas no substrato rochoso com forma normalmente circular denominadas de pias. Pensa-se que a água é o principal responsável pela formação inicial e desenvolvimento das pias.

Nesta secção observa-se e acompanha-se um imponente muro de granito. É um sólido aglomerado de blocos graníticos de médias e grandes dimensões que impressiona, sobretudo, pela localização topográfica e pela extensão (toda a serra no sentido, aproximadamente, Este/Oeste). É a “fronteira” entre o município de Ponte da Barca e Terras de Bouro. Neste ponto também podemos observar parte das paredes do Fojo do Lobo de Vilarinho. Trata-se de uma armadilha para caçar lobos que se localiza no Poulo do Vidoal, na vertente da serra virada ao Rio Homem, à albufeira de Vilarinho.

Azevinhais e Fojo da Ermida

Neste local podemos observar de perto um azevinhal (Florestas de *Ilex aquifolium*). Este habitat é dominado pelo azevinho (*Ilex aquifolium*), espécie protegida em Portugal, devido à ameaça da colheita de ramos e plantas para enfeites de natal. Apesar de serem muito raros em Portugal, na zona onde nos encontramos existem importantes azevinhais, com indivíduos de grandes dimensões. No Parque Nacional, é na zona dos vales superiores do Ramiscal e do Cabril (próximo deste local), que se encontram os maiores azevinhais, principalmente nas encostas declivosas com exposição a Norte.

Envolto pelo azevinhal está o Fojo da Ermida, ou Fojo “novo” da Ermida, tal como é designado, segundo Luís Fernando de Oliveira Fontes, pelos moradores de Lindoso por antonímia ao “seu” fojo “velho” do Colado da Porta. O aparelho construtivo, de alvenaria seca, é homogéneo, formado por blocos graníticos de dimensões variáveis. As paredes são facetadas e em alguns locais, apesar do estado de conservação já não ser o ideal, nota-se um remate superior capeado que forma um beiral virado para o interior, cuja função era não permitir que o lobo, uma vez entre estas paredes, perseguido pelos caçadores, pudesse sair, tendo como destino o poço.



Matos rasteiros e Cabana-abrigo de Bentozelo

O sistema de povoamento e exploração dos recursos naturais desta serra não se resume ao aglomerado populacional e à sua envolvente imediata. A área de influência de cada aglomerado é bastante extensa e, nesse território, são explorados os recursos conforme as suas potencialidades. Para o efeito são criadas estruturas de apoio a essas atividades. Exemplo dessas estruturas, e que encontramos dispensas pelas zonas mais altas da serra, são as cabanas-abrigo. São estruturas de apoio ao pastoreio, abrigos de pastor. Localizam-se, geralmente, e como é o caso da Cabana de Bentozelo, em chãs bastante irrigadas, onde haja bastante pasto para os animais se alimentarem. Esta cabana pertence à povoação de Ermida. A chã em frente ao abrigo do pastor apresenta matos rasteiros acidófilos dominados por gramíneas, incluindo a protegida *Festuca summilusitana* e o pequeno arbusto *Plantago holostium*.



33 Cabana-abrigo de Martinguim e ribeiro da Cova

À semelhança da Cabana de Bentozelo, também a Cabana de Martinguim é uma estrutura de apoio ao pastoreio, que pertence à povoação de Ermida. Esta cabana assemelha-se à Cabana de Bentozelo, pois também é uma estrutura pequena, de planta circular e teto em falsa cúpula. O aparelho das paredes é em mamposteria e o piso em terra batida. Tem um grande curral anexado (onde se guardava e também pastava o gado). Perto da cabana o trilho atravessa o ribeiro da Cova que corre ao longo de um vale muito encaixado, com azevinhos (*Ilex aquifolium*), videiros (*Betula celtiberica*) e salgueiros-negros (*Salix atrocinerea*).



34 Urzais-tojais húmidos

Neste ponto encontramos urzais-tojais higrófilos (húmidos) de carácter orófilo (de zonas frias), enquadrados nas charnecas húmidas atlânticas temperadas. É um habitat de conservação prioritária, dado ser raro na União Europeia por ter sido sujeito a frequentes drenagens. As espécies mais comuns neste habitat são a urze-dos-brejos (*Erica tetralix*), a lameirinha (*Erica ciliaris*) e o tojo-molar (*Ulex minor*). Ao nível da fauna encontram-se principalmente anfíbios, nomeadamente várias espécies de tritões, salamandras e rãs.



35

Lameiros com orquídeas e branda de Bilhares

A Branda de Bilhares é uma branda agropastoril da povoação de Ermida, que continua a ser agricultada. Esta branda guarda ainda uma outra particularidade, pois trata-se de um espaço que teve ocupação no período da Romanização. Além da branda, podemos observar parte de um sistema de gestão e condução de água (regadio), outro equipamento de grande importância para as populações desta serra. Observamos claramente uma grande levada que acompanha parte do caminho entre Bilhares e a aldeia.

Os lameiros da branda de Bilhares são dos mais ricos em orquídeas do Parque Nacional, podendo ser observadas, no final de maio e durante o mês de junho, três espécies, designadamente *Dactylorhiza maculata*, *Serapias cordigera* e *Serapias lingua*. Além disso, os lameiros apresentam sebes com várias espécies de arbustos ou árvores como o carvalho-negral (*Quercus pyrenaica*) e linhas de água com vidoeiro (*Betula celtiberica*), salgueiro-negro (*Salix atrocinerea*) e freixo (*Fraxinus angustifolia*), o que proporciona abrigo e áreas de alimentação diferenciadas que enriquecem a biodiversidade da zona.

Coordenação e produção: ADERE-PG

Textos: Floradata/Duarte Silva e Alda Rodrigues

Imagens: ADERE-PG, Município de Terras de Bouro, Município de Ponte da Barca, Alda Rodrigues, Armando Loureiro (Vibora-cornuda), Duarte Silva, Floradata, Luís Borges (Calçada e Fojo de Germil, Lagarto-de-água), Parque Nacional da Peneda-Gerês/António Jorge Barros (Corço).

Design e impressão: CLA, Marketing e Publicidade, Lda.

Ano: 2014

N.º exemplares: 5000

Depósito legal: